

REALIDADE, LIBERTAÇÃO e P* DURO

MOA SIPRIANO EM DIÁLOGO COM
A IDENTIDADE HOMOSSEXUAL
NO ROMANCE LATINO AMERICANO

aroma bandeira

Aroma Bandeira¹

2859

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



reais das personas enquanto não problematizam nas narrativas as experiências subjetivas desta população; enquanto apagam as especificidades dentro da sigla LGBT, anulando as fronteiras de gênero e orientação sexual que distinguem as identificações diversas; enquanto incorporam comportamentos estereotipados, multiplicam personagens com atributos que dizem mais respeito a homofobia misógina que às sexualidades pessoais; enquanto a voz não ecoa de dentro e atravessada de sua própria força. A questão dos relacionamentos afetivo-sexuais intermasculinos como enfeite para comercialização ao invés da assimilação das problemáticas que o tema poderia representar ignora a *tomada de posição* da diversidade sempre como o *outro*, aquele que deve ser tolerado, em sua existência excêntrica. E, se a identidade e a diferença adquirem sentido por meio da representação (DA SILVA, 2000)², a homossexualidade na literatura, então representada como objeto dado, perderia a possibilidade da diversidade humana supostamente pretendida.

A causa, portanto, dentro da literatura, é a sensibilização do projeto narrativo em função da temática. No campo da crítica literária aqui exposta, não há a defesa de alguém, de um personagem, mas dos papéis simbólicos que ocupam na trama, e como eles (co)laboram para uma significação libertária ou conservadora, dialeticamente ao pensamento comum/padrão da sociedade machista e permeada da cultura de consumo. Experiências extratextuais serão consideradas somente se mimetizadas, ou seja, quando o autor real usa de seus conhecimentos e do contexto social e os engendra na narrativa. Pretendo analisar narrativas literárias que tematizam as relações eróticas intermasculinas, procurando entender até que ponto elas se questionam ou oferecem alternativas para o entendimento não ontológico do *estar* homossexual, numa construção possível e querida para além das expectativas de realidade. Para tanto, selecionei alguns contos do cyber escritor Moa Sipriano.

Não é um escritor desconhecido. Suas publicações, cada uma delas, tem o alcance mínimo de três, quatro, cinco mil pessoas. Autodenominado “Machoterapeuta”, Moa Sipriano nasceu em 13 de junho de 1968, no município de

² “É também por meio da representação que a identidade e a diferença se ligam ao sistema de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar identidade. É por isso que a representação ocupa um lugar tão central na teorização contemporânea sobre a identidade.” (DA SILVA, 2000, p. 91).



Jundiaí, interior de São Paulo, e desde os doze anos de idade escreve pequenos argumentos narrativos, mas só começou a levar a sério sua lida de escritor em meados de 2004, quando publicou seus textos na internet – em sua maioria contos que captavam as experiências homossexuais de diversos personagens, todas em envolvimentos sexuais. O propósito de ser um competente contador de narrativas gays persistiu, e Moa Sipriano vem desenvolvendo sexualidade com subjetividade, conectando-as às problemáticas atuais do universo gay. Tornou-se o primeiro escritor brasileiro a compartilhar contos digitais gratuitos na homocultura crescente (estão disponíveis mais de 70 contos de literatura erótica) e, em pouco tempo, um dos mais procurados. Contos sobre romantismo, religiosidade, cotidiano, companheirismo, e plenos de sexo.

Por sua linguagem escrachada e direta, além das temáticas (in)convenientes – além da promiscuidade, a aids também desponta; deparamo-nos em situações de intensa vulnerabilidade, prostituição, estupro; e também desejos agressivos, sado/masoquismo e incesto – Moa Sipriano admite em entrevista a Kiko Ríaze, republicada no site da Editora Escandalo, que seus contos já foram alvo de cobranças, por não transpassarem o universo gay sempre positivo, dentro do politicamente correto, ao que responde:

Isso me faz recordar que uma Anta [sic] influente no “mundo gay” paulista, ao ler 30 dias, certa vez me disse que eu nunca faria sucesso pelo fato de eu não “escrever certinho” sobre a vida dos gays, tachando-me de anarquista e até mesmo de “antigay”. Ouvi o mesmo do responsável de certa editora de São Paulo, que considerou minhas obras subversivas e que “o universo gay nada tinha a ver com aquilo que eu revelava em meus escritos”. Sim, eu ri e vomitei sobre essas idiotices. Se a arte não é livre, então não é arte. [...] A beleza do meu trabalho está justamente na quebra de convenções, no incentivo às fantasias, na libertação dos dogmas e daquilo que foi imposto por séculos e séculos nas nossas mentes deficientes (SIPRIANO, 2012).

Moa Sipriano ambiciona desafiar as convenções que não sejam livres acordos entre parceiros, e com isso coloca-nos frente a nossos tabus. Homens aparentemente medianos de personalidade – isto é importante, eles se apresentam com personalidade diversa, em suas individualidades, e todos refletem sobre seus caracteres. Nos contos predomina a primeira pessoa; o narrador é o próprio personagem que defende sua existência. Estes homens praticam sexo com outros



homens, por vezes inseguro, por vezes violento, com desconhecidos principalmente. Porém, há a resistente preocupação em demonstrar ou dizer da concordância mútua dos parceiros sexuais e amorosos. Não há uma unidade de assuntos nem uma só persona que percorra as narrativas, porém há a insistência nos poderes de concessão mútua, na liberdade dos acordos.

Um exemplo gracioso destes encontros sensuais provocados por Moa Sipriano está em “Despedida de Solteiro” (SIPRIANO, 2006). Nele, um advogado desencantado com a monotonia e sufocado com as cobranças da sociedade, sai para se distrair e encontra refúgio nos braços de um homem que *nunca havia feito com um homem!* Caminham, se abraçam, acarinham-se mutuamente. Clive encaminha Tonius na sua primeira vez, ensinando-lhe com prazer os cuidados homoafetivos, e nos narra em detalhes o que um provocara no outro:

Na hora da verdade, nossos corpos procuraram a melhor posição. Ele queria invadir meus domínios. Cedi sem pestanejar [...] Em minutos ele jorrava sua alegria dentro do meu corpo. Uma vitória merecida. Ele passara pelo batismo [...] “Vire-se”, notei o temor em seus olhos. “Confie em mim”, posicionei seu corpo branco e sem pelos sobre o carpete escuro. Massageei-lhe as costas. Tonius relaxou profundamente. Beijei-lhe as nádegas. Minha língua procurou a sua virgindade. Não houve resistência. Só gemidos de prazer. Intensifiquei a primeira penetração. Tonius segurava no pé da cama e gritava palavras em um dialeto próprio de satisfação (SIPRIANO, 2006, p. 8-9).

As tradicionais subdivisões que demarcavam poder no âmbito sexual entre passivo versus ativo aqui não fazem vez. O narrador deixa-se penetrar ao mesmo tempo que comanda a situação, e quando passa a sua vez de penetrar, não se sente dominador e sim orientador, em sua posição de mais experiente. Por várias vezes no relato encontramos marcadores do pacto de confiança estabelecido entre os dois “para a satisfação de um desejo mútuo” (*idem*, p. 13). Ao final, derramam lágrimas pelo contentamento partilhado – o que, aliás, ocorre frequentemente aos personagens de Moa Sipriano, seus meninos choram. Mesmo depois quando o narrador descobre que participara de uma despedida de solteiro sem o saber, não sente-se traído pois o acordo dispensava o envolvimento amoroso. Tonius é simpático durante o casório do amigo, Clive retorna a amabilidade, pois ambos entendem que seguirão caminhos separados. E estão bem com isso.



Em “Luca” (SIPRIANO, 2003) novamente podemos observar as multifacetadas que adotam os homens nas relações carnavais compostas por Moa Sipriano. O enredo conta sobre outro advogado – profissão, como também as de fotógrafo, escritor e artista, retomadas em inúmeros contos que registram homens independentes, mas que não os unifica em personalidade: enquanto a praticidade de Clive estava voltada o trabalho, seu empenho e sua mágoa herdada (seguira o ofício por causa do pai), era ao mesmo tempo preguiçoso e desleixado com a moda e com o visual; Detlev é prático e vaidoso, requintado por natureza, bem cuidado por si e bem criado por sua mãe solteira, portador de marcas de sucesso e tecidos finos. “Estabilizado, culto, viajado, não fumante, não sedentário [...] Vícios? Somente um: sexo” (SIPRIANO, 2003, p. 04). E é no campo do homosexo, “expressão idealizada desde que começara a transar com homens” (*idem*, p. 05), que o conto vai se conduzir para excitar o leitor. A narrativa em terceira pessoa faz visualizar os sensuais encontros fortuitos do protagonista, seu passatempo predileto cujas regras ele fundara para si e que o permitia brincar livremente e dirigir as situações.

Para sustentar o seu vício, permanece sempre alerta para chegada a qualquer momento e em qualquer lugar do homem ideal – que poderia ser qualquer um, independente de “idade, cor ou posição sociocultural” (*ibidem*), desde que não fossem crianças ou asiáticos, pois um “havia arruinado moralmente sua adolescência nos tempos do ginásio – daí o preconceito” (*ibidem*). Acompanhamos Detlev em suas caçadas, com o narrador a se apreender nos olhares dispensados, no uso das mãos manicuradas e sedutoras, na intuição pelos volumes entre as pernas, na preferência do silêncio em cima das frases feitas. Ao que segue uma sequência de imagem eróticas, em múltiplas posições, nas quais todas levam ao orgasmo, ignorando os limites impostos pela dualidade passivo/ativo.

O ato sempre era consumado. Poderia ser um duplo oral. Ou a penetração de um ou de ambos num rápido rodizio de corpos. Ou uma dupla punheta. Enquanto Detlev não ejaculava (pouco importava o prazer do outro), a brincadeira não era encerrada (SIPRIANO, 2003, p. 06).

O arrogante egoísmo do personagem descrito pelo narrador é calculado pelo autor, e não desfaz as afirmações de acordos mútuos de sexo entre homens amadurecidos e conscientes. Ele pretende surpreender narrador, personagem e

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



leitor ideal, derrubando o domínio de Detlev sobre si com uma conhecida sina modificadora de destinos e corações: o amor.

Nos contos de romance, vemos uma profusão de imagens desnudas, diretas, abertas. Isto se intensifica pois passa-se para o leitor a ideia geral que no amor, pelo envolvimento e pela cumplicidade, as relações se tornam mais desnudas, diretas e abertas, assim como os acordos sexuais não nomeados pelos amantes. Em “Cartas a Hans” (SIPRIANO, 2001), primeira historieta publicada por Moa Sipriano, a volúpia fala mais que o ato sexo propriamente dito, talvez por ser o primeiro dos textos publicados e a pornografia não tivesse se encaixado em Moa Sipriano como força motora que descobre (descobrimos) nos outros contos, talvez porque o desenvolvimento deste mote exigisse do autor um longo percurso até o sexo, não menos prazeroso. E quando ele acontece, uma noite de núpcias antes do casamento, “minha confiança foi tamanha, que permiti que você chegasse ao Nirvanah, explodindo enlouquecido dentro de mim, daquela maneira” (SIPRIANO, 2001, Sétima Carta, p. 21). A união se concretiza com paixão e em completo desprendimento – o que não compromete a *permissão*, o domínio de si e a consciência da entrega, em exercício de liberdade e não por convenções de papéis sociais.

Poderíamos questionar se os papéis sociais de mulher e homem se reestabelecem, dentro da vida homo-monogâmica. Tanto no “Cartas a Hans” quanto em “O cunhado” (SIPRIANO, 2005), no qual o protagonista narrador é recuperado agora em uma nova história após a morte de Hans, vemos Gus Hoeder autodescrever-se como solícito e cuidadoso, e denotá-lo em atitudes tomadas ou imaginadas por ele para com o companheiro. Numa leitura apressada poderia transparecer o ideal de *casal margarina*³. O que percebo nesta crítica foi, não uma adoção simples do modelo heteronormativo, mas sim uma reestruturação das práticas do privado, sem condená-las exaustivamente a um indivíduo ou grupo de indivíduos; ou destinada ontologicamente a um gênero – como se estabeleceu na

³ O ideal de família retratado costumeiramente nos comerciais de margarina tornou-se referência e escárnio do padrão familiar médio-capitalista, heteronormativo e fecundo. Ao mencionar “casal margarina”, quis retomar o motejo, excetuando a fecundidade não proposta pelo texto em questão

Você ainda questiona se essas são atitudes de uma “Amélia” submissa? Não, meu amigo. São atitudes do Amor. Faria tudo isso por amor a você. E com todo o prazer e dedicação deste mundo. Pois para mim, servir a você com carinho é um gesto de amor e não um ato de submissão (SIPRIANO, 2001, Quinta Carta, p. 15).

[...] não me importo de ser a sua “mulher”. Eu sou assim mesmo: delicado, sensível, atencioso, romântico. Você é o meu oposto-complemento (SIPRIANO, 2001, Quinta Carta, p. 15).

Às vezes eu e Monika éramos obrigados a aguentar dois bêbados dançando e cantando músicas em alemão misturado com um incompreensível português, depois de uma suada vitória de seu time sobre os rivais pernas de pau. Crianças crescidas saboreando uma conquista. Maridos felizes. “Mulheres” realizadas (SIPRIANO, 2005, p. 09).

Entretanto, porque os deboches não se fazem presentes de modo sistemático à figura da mulher nem as práticas *a elas designadas* são consideradas como de segundo escalão; e porque o autor faz com que o narrador reflita sua própria ambição na sociedade sexualizada e percebemos um *diálogo/debate* sobre estas questões; considero, dentro do estudo da sexualidade desenvolvida neste artigo para dar um sentido às práticas sexuais e não-sexuais construídas na literatura de Moa Sipriano, entender que o autor corrobora para um entendimento não gênero-ontológico destas mesmas práticas, no caso explicitado.

Outrossim, observo uma gestão do autor em orientar os leitores nas conquistas e no desenvolvimento do que seriam as relações intermasculinas, principalmente nos contos em que a descrição está voltada para os atos sexuais. Estes textos eróticos com narrativas folhetinescas visam entreter e, principalmente,



instruir rapazes (e moças) no que se designa como sexo homossexual. Creio que a intenção do autor, além do sexo propriamente dito, é uma *formação do entendimento da sexualidade ampla* que pode existir – e ele sugere que exista – nas relações homossexuais.

Não obstante, os contos de Moa Sipriano são perpassados de uma intenção de captar a realidade, criando situações de identificação com narradores legítimos, ou seja, imbuídos da autoridade da fala pela experiência. A presença de referenciais externos que criam vínculos da realidade com a narrativa é constante, e vão desde marcas e produtos de consumo cultural a lugares de socialização gay, mas também a ocupação de espaços que não estão definitivamente tomados, ambientes de tráfego de domínio, como praças e parques públicas, praias, banheiros, e ainda vizinhanças e famílias. Apresenta-se um homem que se entende pela orientação homossexual, aceita e convive com sua condição humana, e não a dissimula ou a apresenta sob subterfúgios. Logo, os espaços lhe pertencem quanto a qualquer outro e isto não se torna uma problemática. Os personagens de Moa Sipriano trafegam, e isto reforça um entendimento de indefinição de uma identidade que os unifique enquanto homens, e tão somente pela identificação de uma especificidade de sua sexualidade, que as traduz narrando suas aventuras sexuais e descrevendo suas emoções provocadas.

Segundo a leitura que faz, a subjetividade gay consegue se sobressair sem trauma na narrativa em que a personagem homossexual – longe dos tabus e dos medos provocados pela cultura heterossexual, machista e homofóbica – fala de si, a partir de suas experiências, não permitindo que nenhum narrador ponha palavras em sua boca ou interprete qualquer ato de fala ou comportamento. [...] Seguindo essa lógica, a literatura gay é aquela que consegue dar o *pulo do gato*, i.e., sai da confusa *representação* e alcança o nível da *subjetivação*, ou seja, as personagens já *nascem* em ambientes e sociedades que as toleram; mesmo em face da diferença estabelecida entre os seus sujeitos, as personagens homossexuais se lançam também como sujeitos construídos e em construção e conseguem, a seu modo, os lugares no âmbito social e cultural (DIAS DA SILVA, 2010, p. 64).

Assinalo um destaque: não entendo que exista um espaço de representação que consiga apartar-se definitivamente, encontrando-se alheio dos traumas; entretanto, podemos criar espaços dialéticos de disputa, utilizando da resignificação e ocupação de símbolos e sítios, nos quais imprimamos as subjetividades em construção.



Nos contos aqui apresentados de Moa Sipriano, “Cartas a Hans” (2001), “O cunhado” (2005), “Luca” (2003), “Despedida de Solteiro” (2006), os personagens têm uma vida social ativa e não se constroem de suas individualidades, não se sentem deslocados em espaços públicos, não estão *transviados*. No geral, são brancos de classe média e bem resolvidos profissional e afetivamente, o que sobremaneira favorece a auto-aceitação, e desfrutam do privilégio de não pertencer a também outros grupos sociais marginalizados. Por várias chances dentro do texto, o autor consegue inserir a posição social detectada através da cultura de consumo salpicados nas narrativas. Especifico como cultura de consumo, e não simplesmente bens da cultura, porque elas, no texto, adquirem um certo valor, além do estético: possuem o valor simbólico da posse, seja material/tecnológico – designados pelas marcas de carros, computadores, máquinas de fotografar e – ou do imaterial/saber – como determinadas bandas, cantores, escritores ou personagens.

Entendo que as figuras masculinas gozam historicamente do acesso aos espaços de produção e de conhecimento. Acatando algumas críticas interseccionais⁴, por outro lado, reconheça-se que inúmeras estruturas forçosamente criam níveis de aceitabilidade social impostas desigualmente também entre os homens; e entre os homens gays. E justamente porque a homofobia não é uniforme e age desigual e combinada em sujeitos de diferentes construções, que não podemos entendê-la como ultrapassada por termos conquistado alguns espaços por alguns indivíduos; e que os textos de Moa Sipriano fazem necessários como campo da legitimação e não de simples retrato social.

A tendência da literatura gay por acampar na representação realística é apontada como denúncia e como *testemunho*. Dario de Js. Gómez Sánchez, em seu livro que discute a identidade homossexual no romance latino-americano, a propósito de sua teoria de *testemunho* característica do tema homoerótico literário, ele vai precisar que a literatura, como um discurso interessado e produzido dentro de um contexto, se anuncia de forma performativa e se estabelece em três níveis de atos de fala, dentre os quais dois que o interessam para defender sua tese: o ato locucionário-proposital e o ato ilocucionário, de intencionalidade pragmática.

⁴ Teoria exposta pela feminista negra Kimberlé Crenshaw, em 1989, que almeja conectar os aspectos estruturais e dinâmicos da interação de dois ou mais eixos de opressão.

Observo que o escritor, ao narrar as desventuras de seus personagens, incluindo-as como vivências não realizadas no mundo extratextual, mas que encontram eco na realidade do leitor contribuem para a experiência deste leitor a medida que considera que aquelas como possíveis, e refletem mimeticamente a realidade. Principalmente naquelas narrativas em primeira pessoa, quando a personalidade é transferida por aquele que a sofre, a função testemunhal, longe de tentar igualar-se ao real, em Moa Sipriano, coloca-se como possibilidade e, por isso, em algumas ocasiões, pode propor-se *aquilo que gostaríamos que fosse se assim fosse já sendo*. Ou seja, é na leitura como processo narrativo que os fatos mimetizados se dão como concretos e palpáveis, abrindo a fenda da realidade extratextual e proporcionando ao leitor a experimentação de *como a realidade deveria/poderia ser*. Ao observar o outro, a função formativa – qualidade da literatura – se expõe. Em alguns contos, como analisei acima em “Despedida de Solteiro” e “Uma carta para Hans”, esta função está explícita pelo autor. Em outros, a função formativa vem como acessório da função testemunhal, particularidade do romance de temática homossexual que, com sua tendência realista (SANCHEZ, 2012, p. 54), apresenta a trama para dar conhecimento dos fatos que se relacionam diretamente com o social, admitindo a veracidade destes mesmos fatos.



Assim definido, o pacto referencial aparece como sendo relacionável com a caracterização da veracidade como instância intermediária entre a verossimilhança ficcional e a verdade histórica [...] Assim, eu defino o testemunhal como a função resultante da interação entre o autor e o leitor modelos por meio dos princípios de referencialidade e intencionalidade, ou seja, como identificação por parte do leitor dos referentes e das intenções do autor (SANCHEZ, 2012, p. 57-58).

Há diferenças entre os contos por ora estudados e aqueles romances com as quais Sánchez trabalhou para sua teoria. Em primeiro lugar, o caráter histórico-contextual pode dividir estes e aqueles; mas como o crítico também faz um agrupamento de textos que engloba distintos momentos da história da literatura, não vejo um empecilho em dialogar com a crítica. Também distinguem-se em fôlegos narrativos, tendo o pesquisador trabalhado com romances e aqui trabalho alguns contos curtos. Creio que a mais abissal contestação para a adoção da teoria alheia, se alguma o é, está nas descrições pornográficas, ausentes nos textos escolhidos por Sánchez. Entretanto, se esta ausência é alvo de crítica do pesquisador, por ausentar justamente aquilo que faz do homem um homossexual, então creio que seja injustificado não recorrermos a sua análise, já que também encontramos em Moa Sipriano descrições de representação da sociedade, que buscam testemunhar uma vivência – e também violências e sentimentos.

[...] a função testemunhal dos romances de temática homossexual estaria relacionada com uma oposição ou resistência a um sistema que tem condenado à marginalização e ao anonimato essa oposição sexual. Porém, não parece ser isso o que necessariamente ocorre, pois se em alguns casos esses romances evidenciam situações de discriminação sexual, nunca a denúncia dos fundamentos dessa discriminação aparece como sendo o eixo da intenção narrativa. Como foi descrito, os romances destacados se ocupam menos das relações sexuais entre homens que dos personagens individuais e a ênfase final parece recair na configuração dos personagens construídos de acordo com as definições psicossociais do sujeito homossexual (SANCHEZ, 2012 p. 129).

Assim, a mimetização clara das homossexualidades no campo onde elas se dão – o sexo propriamente dito – e um afastamento da criação de uma identidade gay alojada no âmbito das personalidades dos personagens teriam o mérito da legitimidade em relação a sua intenção criativa: conceber *estórias* que narrem as experiências homossexuais.

Identifico, em concordância com a avaliação de Sanchez, que a maioria deles se apresenta a função testemunhal de referencialidade com o extratexto; entretanto em parte deles se estabelece a função formadora, que atua como contestadora e idealista, rompendo com as amarras da realidade dada e reapresentando possibilidades de vivências da homossexualidade. Compreendo que sua literatura desnaturaliza o papel que o ser homossexual apresenta na sociedade, pois descentraliza a identidade homoerótica costumeiramente reproduzida na criação de tipos que davam margem a caricaturas e manutenções de estereótipos comportamentais privilegiados em detrimento de outros, e o faz oferecendo aos seus personagens a possibilidade de serem múltiplos e diversos e não a busca do padrão



masculino hegemônico; desestabiliza a divisão entre ativo versus passivo que estabelece hierarquias de masculinidade e de submissão, e sustenta a homofobia misógina aos afeminados; e principalmente reestrutura o caráter homossexual dentro da produção da sexualidade pela orientação sexual, assim, exibindo da homossexualidade o que lhe faz peculiar e diferente da heterossexualidade normativa: o sexo entre homens.

Talvez a literatura de Moa Sipriano não seja uma ruptura ideal com as conformidades, primeiro porque esteja articulada com uma literatura de folhetim, que não se propõe a aprofundar psicológica ou socialmente os temas secundários, incorrendo na falta de denúncia ou de problematização, e na sua maioria de contos – e os mais atrativos – intenta mostrar o prazer da libido entre homens através da excitação que a leitura quer proporcionar, com minúcias e detalhes e jogos de palavras divertidos. Entretanto, considero que aí está sua subversão: a pornografia para a formação de leitores que conheçam, reflitam e dialoguem sobre suas sexualidades, seu sexo e a consensualidade de interesses nos jogos do gozo, contribuindo para a representação de masculinidades diversas e da sua aceitação social: independente de quem sejam ou de quem queiram ser, que sejam humanos.

REFERÊNCIAS:

DIAS DA SILVA, Antônio de Pádua. “Incursões teóricas sobre o conceito de literatura gay” in *Revista SócioPoética: Literatura e Estudos de Gênero*. Campina Grande: Eduepb, V. 01, N. 05, 2010.

SANCHEZ, Darío de Js. Gomez. *Pervertidos, bichas e entendidos: Identidade homossexual no romance latino-americano*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

DA SILVA, Thomas Tadeu (org.). “A produção social da Identidade e da Diferença” *in Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

